

## AVALIAÇÃO EXTERNA DA ESGC

23 e 24 de fevereiro de 2012

### CONTRADITÓRIO

A Escola Secundária de Gago Coutinho, adiante designada por ESGC, foi objeto de uma ação de avaliação externa, da responsabilidade da Inspeção Geral da Educação (IGE), nos passados dias 23 e 24 de fevereiro de 2012.

O presente contraditório decorre do desagrado que o relatório ocasionou na Escola.

Metodologicamente, dividimos o presente contraditório em três partes, duas relativas aos dois primeiros domínios em avaliação; a terceira parte, uma conclusão, onde sintetizamos os principais aspetos da avaliação que merecem a discordância desta escola.

#### Parte Um – RESULTADOS - RESULTADOS ACADÉMICOS

Pode ler-se, na página 3 do v. relatório que se assiste "a uma evolução nos 10.º e 12.º anos relativamente ao ano anterior, ainda que, neste último caso, o valor alcançado continue aquém do expectável para a Escola que deveria situar-se, de acordo com o contexto em que a mesma se insere, próximo das médias nacionais. Aliás, em 2009-2010, a taxa de conclusão do 12.º ano situa-se mesmo muito aquém do valor esperado".

A este respeito cumpre-nos dizer que não se conhecem nem estão publicados quaisquer referentes nacionais ou valores medianos nacionais relativos ao contexto da Escola pelo que, ou se apresentavam esses referentes nacionais para escrutínio ou deveria ter ser suprimido este parágrafo, por falta de indicação de fontes que o fundamentem.

Observadas as variáveis de contexto consideradas por V. Exas. em 2010/2011, para o ensino secundário (constantes de uma "tabela" enviada para a Escola), estranha-se que uma variável de contexto tão significativa quanto a fusão de escolas simplesmente não conste dessa "tabela".

No nosso entender, essa variável é determinante para a interpretação dos resultados obtidos no ano letivo de 2009/2010, uma vez que a fusão da Escola

Secundária de Gago Coutinho com a Escola Secundária Infante D. Pedro, imposta pelas estruturas centrais do Ministério da Educação, ocorreu em 2008/2009, cujo impacto não foi minimamente tido em conta pela equipa inspetiva.

Ora, estamos a falar de culturas organizacionais distintas, com ofertas curriculares completamente diferentes, com um corpo docente e não docente com características próprias e com um corpo discente também ele diferenciado, que demoraram a integrar e ajustar-se a uma nova realidade, cujos efeitos menos positivos foram, ainda assim, ultrapassados mais rapidamente do que o esperado.

A este propósito, merecerá a pena recordar que, aquando da última avaliação externa, em 2007/2008 a Escola, conforme se pode ler no anterior relatório da IGE, encontrava-se "a trilhar um percurso consistente de sucesso" o qual foi visivelmente interrompido pela fusão, em 2008/2009. No ano letivo subsequente, ano em que a atual direção tomou posse, assistiu-se a uma priorização de estratégias tendentes a minorar os efeitos da fusão. Entendeu-se ser premente estabilizar o corpo docente e não docente para criar um ensino de sucesso junto dos alunos. Por outro lado, havia que incutir regras de funcionamento a uma população discente mais heterogénea e amalgamada num espaço significativamente maior. A relevância destas tarefas veio protelar o processo de autoavaliação, pois ainda não estava criada uma identidade de escola, uma vez que quer os professores quer os alunos e mesmo os funcionários nem sequer se conheciam. Também não existia um projeto educativo comum, tendo havido necessidade de elaborar toda a nova documentação que contemplasse estas duas realidades.

Mais à frente, no 4.º parágrafo da página 3, é possível ler-se "No âmbito dos cursos tecnológicos, as taxas de transição/conclusão têm regredido, no triénio, atingindo um valor muito baixo no 12.º ano, em 2010-2011: 27,8%. Refira-se que estes dados se reportam ao curso tecnológico de desporto, cujos percursos são marcados, em alguns anos, por elevadas taxas de retenção e de desistência".

Importa concretizar que, quando se mencionam no plural "os cursos tecnológicos" está-se, na verdade, a fazer referência a apenas uma turma do Curso Tecnológico de Desporto – o 12.º TD – com 16 alunos, o que corresponde a cerca de 1,4% do universo dos alunos da Escola.

## Parte Um – RESULTADOS - RESULTADOS SOCIAIS

A única referência negativa que conseguimos vislumbrar neste capítulo, diz respeito ao ano letivo de 2008/2009 onde, de acordo com o relatório de V. Exas., se

alude a "problemas de violência muito graves, alguns exigindo mesmo a intervenção das forças policiais".

Este aspeto, prontamente corrigido no mesmo parágrafo, onde se reconhece existir "um ambiente educativo calmo, em que as situações de indisciplina grave assumem um carácter pontual", não incorpora (mais uma vez) a fusão das escolas como a variável de contexto determinante para a ocorrência daqueles acontecimentos. Parece-nos também não ter sido minimamente valorizado o esforço de correção e as estratégias de melhoria levadas a efeito desde aquela altura até ao presente, que, em três anos, transformaram uma escola, onde ocorreu intervenção policial, numa escola onde o ambiente é calmo e a indisciplina residual.

Ainda, no âmbito dos resultados sociais, apraz-nos recordar o que se escreveu no relatório da visita da IGE à escola em 2008, nas páginas 5 e 6, em que se refere "os alunos da ESGC, pais e encarregados de educação, assim como a restante comunidade educativa, participam, na definição das ações prioritárias e exequíveis, tendo em vistas aspectos fundamentais como a integração e socialização dos alunos [...] Os delegados de turma elegem os seus representantes ao Conselho Pedagógico, sendo sempre convocados para integrar os conselhos de turma disciplinares [...] O jornal da escola "O Gago", o grupo de teatro "O Pancadinhas", o clube de Automatismo e Robótica são actividades desenvolvidas pelos discentes que, devidamente acompanhados pelos seus professores, reforçam os laços sociais da comunidade educativa. Os alunos demonstram uma forte ligação com a Escola e agrado com a imagem que a mesma tem na comunidade".

Esta apreciação é diametralmente oposta à que agora é traçada por V.Exas. neste relatório, o que nos merece o contradito, na medida em que não só o número de projetos e clubes aumentou de então para cá, como o número de alunos envolvidos se tornou ainda mais expressivo.

Ainda assim, como balanço, é possível elencar o seguinte:

PONTOS FORTES	ÁREAS DE MELHORIA
Ambiente calmo	Violência em 2008/2009
Participações disciplinares residuais	Alheamento dos discentes na participação na tomada de decisão
Trabalho exigente	Encarregados de Educação não são convocados para os Conselhos de
Divulgação Regulamento Interno	A Associação de Estudantes limita a sua atividade a festas-convívio

Intervenção dos responsáveis	
Reforço das regras na portaria	
Satisfação dos pais relativamente à segurança na Escola	
Participação dos alunos em projetos de Educação para a cidadania	
Participação dos alunos em projetos de Educação para a saúde	
Participação dos alunos em projetos de Educação para a solidariedade	
Valorização da interculturalidade	
<b>11 referências (73,3%)</b>	<b>4 referências (26,6%)</b>

#### Parte Um – RESULTADOS – RECONHECIMENTO DA COMUNIDADE

Na página 4, 5º parágrafo, referem V. Exas. que "A satisfação da comunidade educativa apresenta alguma divergência, como o revelam os resultados obtidos nos questionários aplicados aos alunos, encarregados de educação e trabalhadores. De facto, constata-se que uma taxa pouco expressiva dos alunos assegura gostar da sua escola [...]".

No inquérito, quando os nossos alunos exprimem a sua concordância/discordância relativamente à questão nº 22 "Gosto desta Escola", podem estar condicionados por aquela formulação que limita, no nosso entender, a interpretação e cujas respostas podem esconder alguma relutância dos alunos em afirmarem com clareza que gostam do ambiente escolar.

Mais consideramos que esta questão poderá, devido à sequência em que surge no inquérito, ter levado os alunos a pensar a Escola apenas enquanto espaço físico. Na verdade, as questões aos alunos que envolvem aspetos relacionais, como por exemplo "Tenho vários amigos na Escola", "Sinto-me seguro na Escola", "Os professores desta Escola ensinam bem" e "Aprendo com as experiências feitas nas aulas" apresentam sempre percentagens de concordância superiores a 50%.

Já no que diz respeito às questões relacionadas com a estrutura física e a certos serviços exteriores à responsabilidade da Escola, como "salas confortáveis", "espaços desportivos", "almoço" e "limpeza e higiene", a concordância é significativamente inferior, respetivamente, de 5%; 19,6%; 5,9% e 11,5%.

Cabe-nos sublinhar que, tratando-se de uma escola onde existem apenas alunos do Ensino Secundário, a visão que têm da Escola é necessariamente mais abrangente e complexa, quando se referem ao seu funcionamento, donde as questões que constituem o inquérito deveriam ter tido esse facto em conta.

Ainda assim, como balanço, é possível elencar o seguinte:

PONTOS FORTES	ÁREAS DE MELHORIA
Imagem favorável (ambiente, segurança, exigência)	Uma taxa pouco expressiva dos alunos assegura gostar da sua escola
Oferta diversificada	
Articulação com necessidades empresariais locais	
Valorização dos bons resultados (Prémios de mérito e honra)	
Divulgação (página web e expositores)	
Cedência de instalações à comunidade	
Educação e Formação de Adultos (CNO)	
Os Encarregados de Educação gostam que os alunos frequentem a escola	
O pessoal docente gosta de trabalhar na Escola	
<b>9 referências (90%)</b>	<b>1 referências (10%)</b>

Da análise global deste primeiro ponto – Resultados – afigura-se-nos existir uma clara maioria de pontos fortes nos campos em análise, o que não parece compaginar-se com a atribuição da classificação final de SUFICIENTE.

#### Parte Dois – PRESTAÇÃO DO SERVIÇO EDUCATIVO – PLANEAMENTO E ARTICULAÇÃO

Na página 5, 4º parágrafo, referem V. Exas. que " A articulação vertical não é muito evidente nas práticas desenvolvidas, até porque a Escola oferece apenas o nível secundário. [...] também não se verifica uma ligação consistente aos estabelecimentos de ensino de proveniência dos alunos, em especial com um deles, situado nas imediações, que permita a garantia da sequencialidade das aprendizagens dos discentes. [...]".

A este propósito importa referir que a nossa Escola, em contactos informais, sempre mostrou disponibilidade para estabelecer articulações com o agrupamento de escolas Pedro Jacques Magalhães (localizado na proximidade) através da

tentativa de promoção de reuniões de Departamento conjuntas, o que até ao momento não foi possível concretizar.

Como é sabido, a nossa Escola tem o cuidado de divulgar periodicamente a sua oferta educativa, designadamente em todas as escolas básicas com 3º ciclo do concelho de Vila Franca de Xira. Conforme é referido no v. relatório, a divulgação da oferta educativa "representa uma prática positiva". Não se percebe, pois, porque razão a articulação vertical entre a nossa escola e outras não é evidente.

Não se entende, ainda, por que razão é referido que "a escola oferece **apenas** o nível secundário" (linhas 1 e 2 do parágrafo 4 da página 5) quando esse facto foi determinado superiormente pelas estruturas centrais e faz parte intrínseca da sua natureza.

A Escola não vê, dada a variedade da oferta educativa que apresenta, em que medida é que não garante a "sequencialidade das aprendizagens dos discentes" (linha 4 do parágrafo 4 da página 5). Por outro lado, é sabido que os nossos professores utilizam testes de diagnóstico para aferir dos conhecimentos trazidos pelos alunos do 9º ano. As lacunas são tidas em conta, corrigidas e minimizadas, tendo em conta os conteúdos programáticos do 10º ano e os objetivos estabelecidos para a realização de testes intermédios e exames nacionais.

Como balanço, é possível elencar o seguinte:

PONTOS FORTES	ÁREAS DE MELHORIA
Trabalho no âmbito da educação especial	A articulação vertical não é evidente
Divulgação da oferta educativa	Não existe ligação consistente a outros estabelecimentos de ensino
Planeamento de atividades no meio	A interdisciplinaridade não constitui um campo de forte apostas da escola
Práticas de trabalho colaborativo	O trabalho colaborativo não se encontra generalizado
Período reservado nos horários ao trabalho em equipa	
Testes intermédios e simultâneos	
Partilha de materiais e uso do correio eletrónico	
<b>7 referências (67,6%)</b>	<b>4 referências (36,3%)</b>

Na página 6, 3º parágrafo, referem V. Exas. que " na formação em contexto de trabalho dos cursos profissionais, os alunos não são cabalmente envolvidos em tarefas relacionadas com o perfil de desempenho à saída do curso".

A este respeito, cumpre esclarecer que o estágio é negociado entre a Escola (direção e diretores de curso), o aluno e o encarregado de educação e a entidade de acolhimento. Ao estagiário, é-lhe sempre possível propor um local de estágio alternativo ao sugerido pelo diretor de curso.

Por vezes, há tarefas que, podendo não parecer totalmente adequadas ao perfil de saída do curso, são consideradas relevantes pela entidade de acolhimento. A título de exemplo, as entidades hoteleiras com quem trabalhamos acolhem alunos de diferentes níveis de ensino e, mesmo quando se trata de licenciados, consideram fundamental que os formandos conheçam toda a dimensão da atividade económica, sendo convidados a participar no serviço de andares (que inclui fazer camas, dobrar roupa, etc.).

Mais à frente, na página 6, 7º parágrafo, referem V. Exas. que " somente 40% dos docentes afirma que o uso dos computadores em sala de aula é uma prática comum e apenas 32,4% dos alunos refere usar o computador na sala de aula com alguma frequência. [...]".

A Escola apresenta uma ocupação permanente e total das salas TIC. Trata-se de 6 salas com capacidade para 15 alunos em simultâneo e 3 com capacidade para 4 alunos, pelo que não nos é possível, ainda que o desejássemos, utilizar mais intensivamente os meios informáticos de que dispomos. A pretensa reduzida utilização de equipamentos informáticos que subjaz ao vosso discurso, configura uma contingência e não uma opção.

Ainda assim, como balanço, é possível elencar o seguinte:

PONTOS FORTES	ÁREAS DE MELHORIA
Metodologias ativas e experimentais	Nalgumas situações os alunos não são cabalmente envolvidos em tarefas relacionadas com o perfil do curso
Aulas laboratoriais – Desenvolvimento de literacia científica	Práticas de diferenciação pedagógica não estão generalizadas. Apenas nos alunos com NEE.
Saídas de campo – competências científicas e profissionais	Só 40% dos docentes diz utilizar TIC em contexto de sala de aula
Participação em palestras	A supervisão pedagógica continua por instituir
Apoio a necessidades educativas especiais	

Desenvolvimento de competências no domínio artístico	
Uso generalizado das TIC – correio eletrónico e plataforma Moodle	
Projetos estimulantes – Portic@, Rainbow e jornal escolar	
<b>8 referências (66,6%)</b>	<b>4 referências (33,3%)</b>

## Parte Dois – PRESTAÇÃO DO SERVIÇO EDUCATIVO – MONITORIZAÇÃO E AVALIAÇÃO DO ENSINO E DAS APRENDIZAGENS

Na página 7, 4º parágrafo, referem V. Exas. que [...] "os critérios de avaliação de algumas disciplinas, divulgados na página eletrónica, são apenas orientados para o processo de classificação dos alunos".

Sobre este apontamento, cumpre-nos esclarecer que os critérios de avaliação divulgados na página web da Escola sintetizam apenas os aspetos mais valorizados pelos Encarregados de Educação dos alunos, pois mais dirigidos aos produtos/resultados da avaliação e não tanto aos processos inerentes à aquisição de saberes e competências que são definidos em grupo de recrutamento e aplicados sistematicamente, em contexto de sala de aula.

Estranhámos ainda que neste capítulo que se intitula precisamente "monitorização e avaliação do ensino e das aprendizagens", não haja sequer uma referência ao trabalho desenvolvido permanentemente pelos observatórios da avaliação, cuja missão consiste em fornecer periodicamente dados sobre aquelas temáticas às diferentes estruturas da Escola, que constituem matéria prima essencial para a reflexão e conseqüente processo de tomada de decisão, nas quais se formulam estratégias para combater as tendências menos positivas detetadas no processo de análise.

Ainda assim, como balanço, é possível elencar o seguinte:

PONTOS FORTES	ÁREAS DE MELHORIA
O PCE estabelece normas relativas ao processo de avaliação das aprendizagens	O PCE não inclui a participação dos alunos e dos pais
Existência de práticas de avaliação formativas em várias disciplinas	A planificação não demonstra como a avaliação formativa é desenvolvida
Atividade de auto e heteroavaliação	Os critérios de avaliação de algumas disciplinas são orientados apenas para o processo de classificação dos alunos
Realização de testes comuns	Ausência de critérios para correção dos testes

Adesão aos testes intermédios	Não há generalização dos testes comuns a todas as disciplinas
Análise e discussão dos resultados obtidos pelos alunos nos testes	A avaliação da eficácia das medidas de apoio como a sala de estudo e os apoios pedagógicos não é efetuada
Instrumentos de avaliação diversificados	Não estão delineados procedimentos de avaliação dos projetos curriculares de turma
Relatórios que mostram a pertinência dos instrumentos de avaliação	Fragilidades na articulação e sequencialidade, monitorização e avaliação das aprendizagens
Trabalho colaborativo entre docentes	
Aspetos bem desenvolvidos de atividades de ligação ao meio	
<b>10 referências (55,6%)</b>	<b>8 referências (44,4%)</b>

Da análise global deste segundo ponto – Prestação do Serviço Educativo – tal como acontecia no ponto um verifica-se existir uma clara maioria de pontos fortes nos campos em análise, o que, mais uma vez, não parece compaginar-se com a atribuição da classificação final de SUFICIENTE.

### Parte Três – CONCLUSÕES

As percentagens de menções aos pontos fortes e às áreas de melhoria resultaram da análise de conteúdo feita ao relatório apresentado por V. Exas. e revelam o desajustamento entre a identificação de um conjunto dominante de pontos fortes face às áreas de melhoria (em regra em número francamente inferior) e que, paradoxalmente, vêem esta relação invertida nas conclusões finais – 7 referências negativas vs. 6 positivas.

Mais se acrescenta que consideramos os pontos fortes francamente mais relevantes para a vida da Escola, do que as áreas de melhoria que V. Exas. referem e que, apesar de não estarem completamente implementadas, se encontram na sua grande maioria em curso ou em processo de aperfeiçoamento.

Na verdade, quando rececionámos o relatório produzido por V. Exas., e o divulgámos a toda a comunidade educativa, esta reagiu com perplexidade às classificações atribuídas (sobretudo aos dois primeiros domínios em avaliação), não se reconhecendo nesta análise.

Ainda para mais quando recentemente, no relatório "*Estado da Educação 2011 – A qualificação dos portugueses*" do Conselho Nacional da Educação, nas páginas 257 e 258, a Escola Secundária de Gago Coutinho merece a honra de figurar como

um estudo de caso associado a boas práticas e contrária, em parte algumas das conclusões a que esta equipa inspetiva chegou.

A título de exemplo, é possível ler-se no 3º parágrafo da página 258, "como salientam os próprios alunos, o estabelecimento de ensino apresenta excelentes instalações, contando com um pavilhão inteiramente dedicado ao ensino profissional, incluindo oficinas com uma maquinaria muito vasta, bem como espaços contíguos à sala de aula, favorecendo a utilização de diferentes abordagens e espaços [...]".

Um pouco mais à frente, refere-se que a nossa Escola "foi desafiada pelas OGMA (Oficinas Gerais de Material Aeronáutico) a criar uma formação nesta área, sendo o próprio currículo desenhado em parceria com técnicos da empresa, com base num referencial da União Europeia para este sector. Esta experiência constitui a base para experiências mais recentes de "parceria activa" entre a Escola e outras entidades, tanto públicas como privadas, como é o caso da EDP Energias Renováveis (instalações eléctricas) e da Solvay (Electromecânica) [...]. O prestígio do curso e a escassez de formações deste tipo a nível nacional faz com que os estudantes sejam oriundos das diferentes regiões e demonstrem habitualmente uma forte motivação".

Conforme se demonstra, as próprias OGMA, a Solvay Portugal e outras empresas da região têm desta Escola uma visão completamente oposta à de V. Exas. Caso contrário, dificilmente encetariam connosco, em domínios de tão grande responsabilidade, estas valiosas parcerias.

Enquanto esta equipa inspetiva afirma que a Escola não tem nenhuma estratégia para evitar o abandono escolar, o Conselho Nacional de Educação refere (no CD anexo ao relatório – documento C) que "[...] Regista-se uma certa dose de pragmatismo associada à criação destes cursos, uma vez que os cursos científico-humanísticos perdiam todos os anos alunos, o que constituía uma preocupação central por parte da gestão da escola".

Mais acrescentam que "Esta escola parece constituir um exemplo que tomou as orientações dos serviços centrais do ME como uma oportunidade estratégica para redefinir a sua oferta. A experiência de elaboração da candidatura a um curso profissionalmente qualificante, decorrente de um processo articulado com as OGMA, constituiu como que um primeiro ensaio para o lançamento de outras experiências de parcerias activas deste estabelecimento, quer com outras entidades públicas, como a Câmara Municipal, quer com empresas privadas." E, ainda, "A vitalidade das parcerias, quer com as instituições públicas quer com as empresas da zona, constitui também uma marca da escola, assumida enquanto estratégia pelos órgãos de gestão, mas hoje fortemente delegada nos coordenadores dos cursos. Enquanto a relação com as instituições públicas tem sido orientada para um acompanhamento dos alunos com maiores problemas sociais, os laços com o tecido privado local tem sido fundamental para oferecer

estágios aos alunos dos cursos profissionais, enriquecendo as ofertas educativas, melhorando o prestígio dos cursos e criando a possibilidade de alguns jovens obterem um primeiro emprego no seguimento do estágio realizado."

Tudo o que afirmamos no presente contraditório veio a ser confirmado pelo relatório de autoavaliação ao qual tivemos acesso no passado dia 17 de abril.

Em conclusão, e tendo por base a nossa exposição, vimos solicitar a V. Exas. uma revisão das classificações atribuídas nos diferentes parâmetros de análise, relativos à Escola.

Alverca do Ribatejo, 19 de abril de 2012

O Diretor



---